

| LEETRA • Indígena |

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA
Universidade Federal de São Carlos



NÚMERO
ESPECIAL

LEETRA Indígena

Material de Apoio do Laboratório de Linguagens LEETRA

Universidade Federal de São Carlos - SP - Brasil

Volume 10 - Edição Especial

Editora

Maria Sílvia Cintra Martins

Design e Diagramação

Eld Johonny

Revisão

Eld Johonny

Larissa de Paula Ferreira

Maria Sílvia Cintra Martins

Capa

Eld Johonny

Desenho capa e ilustração

Luciano Ariabo Kezo

Endereço para correspondências

Universidade Federal de São Carlos | Laboratório de Linguagens LEETRA

Rod. Washington Luís, km. 235 - Departamento de Letras - Sala 07

CEP: 15.566-905 - São Carlos - SP | Telefone: (16) 3306-6510

Pedido de assinaturas em grupo.leetra@gmail.com

Material disponível em formato digital em: www.leetra.ufscar.br

LEETRA INDÍGENA. n.10, v. 1, 2014 - São Carlos: SP: Universidade

Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.

Periodicidade semestral - Edição Especial

ISSN: 2316-445X

1. Cultura indígena 2. Línguas indígenas brasileiras

3. Educação

Editorial

A revista LEETRA Indígena, publicação do Laboratório de Linguagens LEETRA sediado no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos/UFSCar, comporta resultados de pesquisa em andamento no Grupo de Pesquisa LEETRA (CNPq), que abriga as linhas de pesquisa “Estudos em Literatura Ameríndia”, “Tradução e Transcrição”, “Línguas Indígenas” e “Letramento e Comunicação Intercultural”. A revista busca preencher o espaço hoje necessário do reconhecimento progressivo da importância e da validade das línguas, das culturas e das literaturas indígenas presentes milenarmente em território nacional, sem que ainda lhes tenha sido conferido o valor correspondente. Todas as publicações vêm obtendo uma tiragem limitada em papel e encontram-se disponíveis online (www.leetra.ufscar.br). As Revistas LEETRA Indígena 1, 2 e 4 focalizaram a Literatura de diferentes povos indígenas brasileiros; a Revista LEETRA 3, em número especial, envolveu a publicação do caderno de estudos bilíngue YASÚ YAPURUGITÀ YEGATÚ, com 23 lições e um glossário para o estudo da língua nhengatu. Já as edições especiais dos números 5 a 12 envolvem material de apoio voltado aos professores, particularmente do Ensino Fundamental, e também do Ensino Médio, para seu trabalho voltado à implementação da lei 11.645/08, que regulamenta a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena em todos os níveis de ensino em território nacional.

Agradecemos a todos que vêm contribuindo com estas edições, seja pela submissão de trabalhos, na participação na Comissão Editorial, no Projeto Gráfico e Diagramação, seja, ainda, na concessão de fotos e grafismos.

Toponímia na escola:
Uma prática possível, mas necessária?

Renato da Silva Fonseca

Apresentação

Neste volume trataremos de um assunto que foi rapidamente mencionado em volumes anteriores; a toponímia, a ciência dos nomes dos lugares. Faremos uma exposição do se trata e como pode ser trabalhada e abordada no espaço escolar.

A toponímia é interdisciplinar por excelência, por isso serve como tema gerador para se trabalhar diversos outros campos. Além disso, o envolvido com a disciplina tem um contato direto com o espaço que o circunda, através do trabalho prático que ela exige, bem com o significado daquele espaço que o nome pode revelar.

Essa disciplina pode ser trabalhada tanto com crianças como adolescentes. Temos obtido bons resultados nas experiências que tivemos trabalhando com a temática em escolas públicas de São Paulo e São Carlos. Em volumes próximos descreveremos com mais detalhes estas experiências a fim de que sirvam como exemplos de prática, mas por enquanto vamos tratar de definições mais gerais do tema.

Mas de verdade, o que é toponímia e para quê serve isso?

A toponímia é um ramo da ciência dos nomes, a onomástica, que em grego significa dar nome, nomear. Dentro da onomástica está a toponímia, que é a ciência que estuda o nome dos lugares. Ainda na onomástica está a antroponímia: estudo da nomeação das pessoas; a fitonímia: estudo da nomeação das plantas; zoonímia estudo da nomeação dos animais; etnonímia: estudo na nomeação dos grupos humanos etc. Mas vamos nos deter somente à toponímia que por si já muito vasta.

Mesmo sabendo o objeto de estudo da toponímia (nomes de lugares) para que serve estudar isso? Para que me serve saber, por exemplo, que Sergipe (siri-y-pe) significa rio dos siris e Tocantins (tukan-tins) bico de tucano? Ora, na verdade não serve para muita coisa. De fato conhecer uma simples etimologia de uma palavra, no caso em tupi, em nada, ou em quase nada nos serve para a aplicação de uma temática como a indígena na escola.

Seria então a toponímia um estudo raso, fechado em si, fadado a elucidar simples significados etimológicos de topônimos? Significados que às vezes nos dão características naturais de uma região, como o rio dos siris acima? Para um olhar desatento esse realmente parece o objetivo da topo-

nímia. No entanto, esse estudo envolve muito mais do que simplesmente decifrar o significado do nome de um lugar e classificá-lo.

A toponímia é a ligação direta da nossa linguagem com o espaço em que vivemos. Podemos pensar que a partir do momento que a espécie humana aprende a falar, começa a dar nome às coisas e o espaço é uma delas. Acreditamos que a caracterização e o significado do espaço influenciam na formação do indivíduo, portanto um espaço descaracterizado e sem significado contribui para a composição de um indivíduo incompleto, que se desconhece, se desvaloriza, conseqüentemente, deixa de considerar a relevância do próprio espaço que vive.

Alguém que desconhece a história do lugar em que vive desvaloriza o seu meio, sua cidade, seu bairro e sua escola, conseqüentemente não dá valor a si mesmo. Um dos grandes problemas que vemos, principalmente nas grandes cidades, é o fato das pessoas estarem distantes, desintegradas do espaço em que vivem, tanto devido ao trabalho e à vida cotidiana, como pelo modo de vida consumista, pela cultura do crime, drogas etc.

Claro que seria bobagem dizer que alguns simples parágrafos sobre uma disciplina qualquer resolveriam todas essas questões, mas dentro da escola toda intervenção é válida e possível. Por isso a toponímia pode auxiliar no resgate desses valores, significados e relações que o indivíduo deixou de ter com o espaço em que vive.

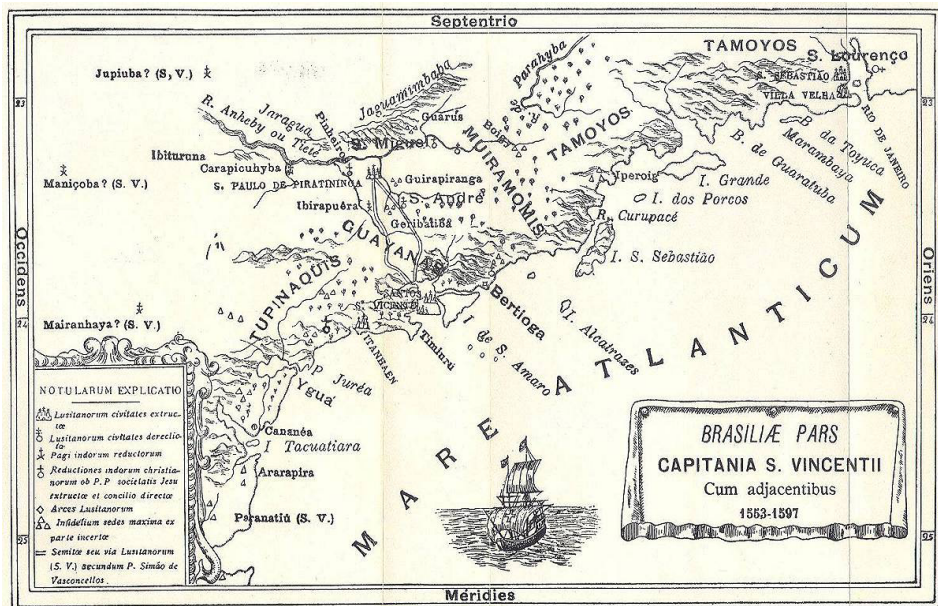
Visualizando possibilidades e práticas

O estudo toponímico pode ser macro, que observa o Brasil de um olhar mais distante, seus estados, nomes de cidades, rios importantes, cadeias de montanhas, etc.; e pode ser também micro, que detém o olhar em regiões específicas, como um bairro, um córrego, morros, o nome das ruas. Ou seja, todos esses elementos compõem o espaço em volta de uma escola.

Mas como eu posso saber se a toponímia do espaço em volta da minha escola, do meu bairro, ou até mesmo a minha cidade tem alguma coisa para me contar? Ora, tudo aquilo que tem um nome tem algo para contar. E quanto mais antigo for o nome mais história ele tem. E todos nós sabemos que os nomes mais antigos que existem no Brasil são, em sua maioria, os indígenas.

Quando nós olhamos para os topônimos indígenas que existem em nosso país temos que ter duas coisas na cabeça: ou ele foi dado por índios mesmo ou foi dado por não índios. Quando um branco nomeia um lugar com um nome indígena pro-

vavelmente quer resgatar a memória de um nome que há muito tempo foi usado. Por exemplo, em São Paulo, há muito tempo, havia uma aldeia chama Ibirapuera, que significa em tupi árvore velha, que já não é mais árvore. Muito tempo depois surgiu um bairro que chamaram de Ibirapuera, mas que não tem nada a ver com o local que antigamente se conhecia pelo mesmo nome.



CAPITANIA DE S. VICENTE — Com as quatro villas: S. Vicente, Itanhaen, Santos, S. Paulo e aldeamentos indígenas, sob a catechese dos P.P. Jesuitas — 1552 - 1597.

No entanto, alguns nomes que aparentemente não têm origem indígena têm muita história para contar. Cabe a nós investigarmos a origem dos nomes antigos. Veja, por exemplo, o nome mais importante do mapa acima: São Paulo de Piratininga. Vamos pensar. Por que de Piratininga? Ora, porque esse nome indígena já existia quando os jesuítas chegaram ali. Esse nome significa peixe seco (Pirá=peixe; tininga=seco).

Mas por que será que um lugar se chamaria peixe seco? Perto de onde ficava Piratininga passava um rio chamado Tamanduaté. Na pintura abaixo, feita por Debret em 1827, o artista tentou mostrar o que seria a vila de São Paulo. O lugar que se chamava Piratininga era o vale abaixo do morro onde ficava a vila:



Do lado direito podemos ver um pedaço do dito rio, o Tamanduateí. Em tupi Tamanduateí quer dizer rio dos Tamanduás. Quando este rio enchia muito em tempos de chuva, inundava toda parte em volta da vila, fazia pequenos lagos nos quais os peixes ficavam isolados. Quando eles secavam, os peixes morriam. As formigas, se aproveitando a fartura de comida fácil, invadiam a região para devorar os peixes secos (lembra? Piratininga=peixe seco em tupi antigo).

A grande quantidade de formigas atraía os tamanduás que vinham para comê-las. Todos esses processos eram gerados pela cheia e seca de um rio que os tupis chamaram de Tamanduateí, ou rio dos tamanduás. O movimento desse rio ditava o caminho que o tamanduá fazia na região, todos os anos em um processo contínuo que culminou na nomeação que permanece até hoje.

Sofisticado o pensamento do indígena para nomear os lugares? Imagina se formos parar e pensar como é o processo de raciocínio e observação da natureza e do espaço que eles têm e usam para nomear as plantas, os animais e a eles próprios. Imaginou? Realmente a onomástica indígena pode nos dar muito campo de trabalho e reflexão sobre o meio em que vivemos, mas fiquemos por enquanto na toponímia que por si já é um estudo complexo de história, geografia, etimologia, línguas e até de antropologia.

Tã, com São Paulo é fácil, mas e Cotia, Sorocaba, Pirapora...?

Realmente trabalhar a toponímia de cidades como São Paulo é mais fácil devido à quantidade de material que existe à disposição. No entanto, se há em sua cidade ou bairro nomes indígenas obscuros, misteriosos ou até mesmo nomes não indígenas que você suspeite que têm algo com alguma história antiga, que pode acabar contando parte da história indígena de nosso país, cabe a você professor e aos seus alunos ocuparem a posição de pesquisadores e investigarem a nossa rica toponímia brasileira, que está esperando ainda para ser descoberta.

Vimos acima, falando da cidade de São Paulo, que não é somente nos nomes indígenas que a atuação indígena na formação de nosso espaço ocorre. O bairro de Pinheiros em São Paulo, por exemplo, foi fundado por indígenas. Em uma primeira vista não há nada nesse nome que nos faça suspeitar que ele tem alguma coisa a ver com indígenas, mas tem tudo.

No Capão Redondo, outro bairro da cidade, bastante problemático, pobre e violento, existe um córrego afluente do dito rio Pinheiros chamado Córrego da Moenda Velha. Precisamos mesmo perguntar se esse nome tem alguma história para contar? Imagine o trabalho de ecologia e, de resgate da memória e identidade que poderia ser feito em um lugar como esse tão abandonado pelo poder público. Que moenda era essa? Havia índios vivendo em volta? Quais?

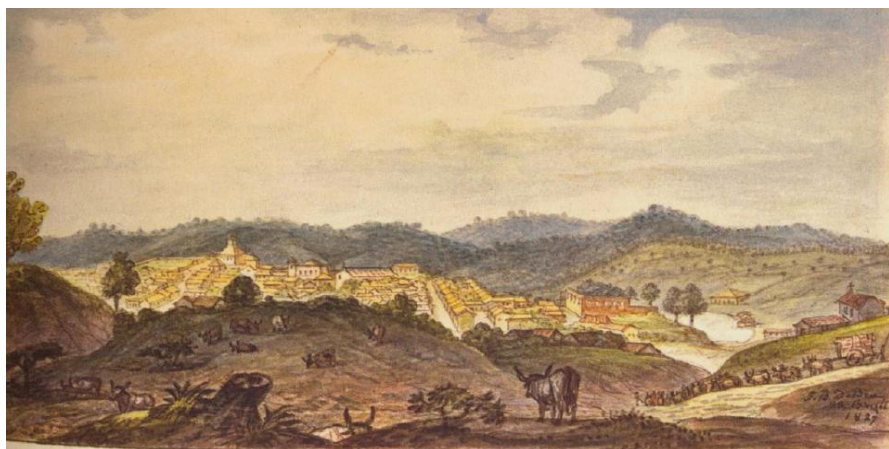


Córrego da Moenda Velha, Capão Redondo, São Paulo - SP

É esse tipo de resgate de memória, de identidade e de valores que a toponímia é capaz de fazer, pois reúne em uma só disciplina quase todos os campos básicos da formação de um cidadão consciente do valor e importância do espaço que o rodeia.

Começamos então a entender que estudar toponímia vai um pouco além de conhecer a etimologia dos nomes de lugares. Só para dar um exemplo de macro-toponímia, vejamos a relação que possuem os dois nomes das cidades de Cotia e Sorocaba.

Os brasileiros que não eram indígenas usavam os caminhos que os indígenas conheciam através das terras brasileiras. Um desses caminhos se chamava Akuti (Cotia). Akuti é um roedor parecido com a capivara só que de porte menor. O caminho de Akuti levava os indígenas a um lugar que eles conheciam como Sorocaba (terra rasgada, rasgadura da terra). Esse lugar tem esse nome devido à formação do seu relevo bastante acidentado. Na pintura abaixo, também de Debret, 1827, podemos ter uma ideia de como era esse relevo.



Cidades como Sorocaba, Pirapora, Bariri, Barueri, etc., ficam em uma parte do Estado de São Paulo em que a ocorrência desse relevo é bem comum. A forma desse tipo de terreno contribui para que os rios deem “saltos” (não tem aqui em São Paulo uma ou duas cidades com nome de Salto?), ou seja, que tenham pequenas cachoeiras ou corredeiras.

Os índios da região chamaram essas corredeiras de ma-eryryi. O nome da característica dos rios corredeiros, que na maioria das vezes era o Tietê mesmo, passava a ser a referência da região, ou seja, seu nome. Daí ma-eryryi deu origem aos nomes de Barueri e Bariri. Pirapora também vem daí, pois seu nome significa salto do peixe.

Ora, se esses lugares tinham nomes tão elaborados, com certeza tinha gente que vivia lá. Veja que através da investigação de poucos topônimos já sabemos que os índios viviam nesses lugares e os usavam antes dos europeus chegarem aqui (até estradas eles tinham, como o caminho de Akuti), ou seja, foram os índios que primeiro “fundaram” essas localidades, os europeus só lhes deram outra configuração.



Entre a vila de São Paulo de Piratininga e Sorocaba havia o caminho conhecido como Akuti. No entanto, nesse caminho surgiu uma outra vila: a vila de Akuti, ou simplesmente Cotia. No tupi moderno ainda falado na Amazônia, a palavra akiti significa caminho. Supomos que a palavra tenha, com as mudanças do tupi antigo, incorporado um novo significado devido ao uso que ela teve durante séculos na relação entre esses dois locais, Sorocaba e Cotia.

Tem até uma cantiga de roda que nós dá uma pista sobre esse problema. Quem nunca cantou:

*Corre Cotia na casa da tia
Corre Cipó na casa a vó (...)*

Ora, vamos prestar atenção nessa parte da letra da parlenda acima. Será que alguém já se perguntou por que aparecem os topônimos Cotia e Cipó? Esses dois são os nomes de duas cidades do interior de São Paulo, Cotia é

nossa conhecida de parágrafos acima, mas Cipó-Guaçu (cipó grande) é um distrito de Embu-Guaçu (embu grande ou cobra grande).

O fato de esses dois nomes serem de locais relativamente próximos um do outro nos leva a acreditar que a parlenda se refere aos caminhos que levam a esses locais; o caminho de Cotia, nosso conhecido Akuti e o caminho de Cipó. O verbo correr da parlenda se refere então a correr pelo caminho e não necessariamente ao bicho cotia que corre, ou ao cipó que corre (até porque cipó é uma planta).

Viu quanta coisa é possível descobrir só estudando os nomes dos lugares? Nomes que estão aí e que usamos todos os dias sem nos darmos conta do tesouro que evocamos sempre que os falamos. Além de resgatar um significado muitas vezes esquecido, a toponímia nos permite resgatar a fauna, a flora antigas de uma região, nos dá a chance de perceber sensível e humana a história e a geografia de certo lugar. Tudo isso contribui para um ressignificação e uma reapropriação do espaço, uma reconstrução de identidade.

“Agora eu sei o que é isso e sei que tem algum valor.”

Nenhum de nós nasce com preconceitos, eles são adquiridos ao longo da vida. Mas na escola, e só na escola temos a chance de barrá-los e extingui-los. Portanto, toda prática que possa transformar o pensamento de um estudante, tanto criança, como adolescente ou adulto, é válida a partir do momento que você resgata aquilo que se perdeu como constituição da diversidade de um ser brasileiro.

Acreditamos que a toponímia pode ser um recurso nessa árdua tarefa, por isso esperamos que, ainda que pouco, tenhamos conseguido contribuir em algo. Em volumes próximos, vamos expor exemplos de práticas toponímicas em sala de aula que deram muito certo. Até lá, um abraço!

Bibliografia

CARVALHINHOS, Patrícia de Jesus. (2003). Aplicação da Teoria dos Signos na Onomástica. IN *Língua e Literatura* n.27. São Paulo.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Método Moderno de Tupi Antigo*. São Paulo. Editora Global, 2012.

_____. *Dicionário Tupi Antigo - A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo. Editora Global, 2013.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp. 2002.